

Theatro de D. Maria II.

1^a representacao a 14 de Outubro de 1874

2^a " " " 17 " Outubro " "

3^a " " " 18 " " " "

4^a " " " 22 " " " "

5^a " " " 23 " " " "

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

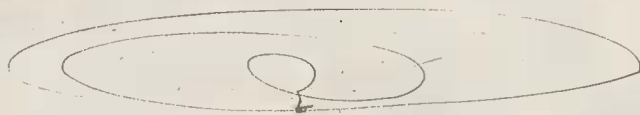
Um Jura vidas.

(Um homem d'affari.)

Comedia n'um acto,
imitada do italiano

Escola Superior de por e Cinema

Maximiliano d'Arzvedo.



Personagens.

Laí		Arão
Dr Silveira		José Thales -
Manoel de Castro		Amorim /
Luiz,	} escreventes do dr.	Costa
Antonio		José Augusto
Luiza Barradas		Francisco
		Elminda

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

F.

[Handwritten notes and sketches]

Arão

Amorim

Costa

José Augusto

Francisco

Elminda

Acto unico.

Escriptorio do Dr Silveira. Porta ao fundo e duas de cada lado. Mexas com muitos papeis, livros, etc.

Scena 1

Antonio e Luiz. (escrevem em mexas diferentes.)

Antonio.

Então, Luiz, já acabaste?

Luiz.

Quasi.

Antonio.

Olha que não tarda o doutor... Avistei-o agora na rua, vinha atravessando para o lado de cá.

Luiz.

Sem tantos clientes a' espera d'elle, que não se lembrará de nós.

Antonio.

Fia-te na Virgem não còrras... Ainda avia-te com isso.

Luiz.

Pouco me falta.

Scena 2

Os mesmos e o Doutor. (do D.)

Doutor. (fallando para fora.)

Isis sim... sim... volte amanhã. (desce.) O Antonio, o Sá já veio procurar-me?

Antonio.

O amigo do snr Barbosa?

Doutor.

Sim.

Antonio.

Ainda não sr. É o tal a quem o sr dr hade arranjar um emprego?

Doutor.

Justamente, e esforçar-me-hei por servil-o, não só porque devo muitas obrigações ao Barbosa, mas por elle ter-me promettido vinte libras de luvras.

Antonio.

Vinte libras? O sr Barbosa?

Doutor.

Sim. (apontando para a L.) Está muita gente lá dentro?

Antonio.

Se está!... Esperam pelo sr dr, ha mais d'uma hora.

Doutor.

Oh! Com a fortuna. Sabe se está o Castro e a D. Luiza?

Antonio.

Esses vêm ás duas horas.

Doutor.

É verdade. Previna-me logo que chegar o Laí. (sae pela L.)

Luiz.

O' Antonio, esse tal Laí é um que ia muitas vezes ao escriptorio do Dr Gambôa?

Antonio.

Justamente. Sei que elle costumava lá ir.

Luiz.

Deos nos accuda! Tu não o conheces?

Antonio.

Não.

Luiz.
Não imaginas, é uma verdadeira praga...
além de ser um flagello para os amigos,
é um charlatão como não há outro, fal-
lando de tudo sem concluir nada e im-
pungindo de minuto a minuto uma pa-
tranha. Ah! Agora percebo porque o
Barbosa dá as vinte libras... É para
se ver livre d'elle.

Scena 3

Os mesmos, Saí e depois o Doutor.

F. 8. Saí. (deitando a cabeça
a porta do 3.) O sr Dr Silveira?

Luiz.
Tenha a bondade de entrar. É o sr Saí?

Saí.
Eu proprio.

Luiz. (aparte.)
Sobre advogado! (alto.) Faça favor de
sentar-se, vou prevenir o sr Dr. Ah!
Ahi vem elle! (sae.) F. 9.

Saí. 2
O meu caro, meu caro sr dr, quanto
estimo vel-o!

2. Doutor.
E eu tambem, sr Saí.

Saí.
Velho amigo do meu querido Barbosa...
dotado de perspicacia incomparavel...

Doutor.
Obrigado, mas sentem'o-nos. (sentam-se.) O
respeito que tributo ao seu amigo sr Saí,
e a favoravel ideia que elle me dá da

sua intelligencia e do seu procedimento seriam por si só o bastante para que eu me esforcasse...

Laí.

Está-me lisongejando Dr.

Doutor.

De modo nenhum!.. Depois de saber o que sei a seu respeito, devo considerar como uma obrigação tudo o que eu fizer em seu favor, e embora falte ao snr, como me constou, um pouquinho de vontade e resolução...

Laí.

Vontade! Resolução! Está zombando!.. Mas são esses até os meus predicaes principaes. Se alguma vez, tendo encetado uma vida renunciei a ella porque foi senão por causa dos obstaculos praticos? Veja o snr por exemplo, a medicina... Eu havia de chegar a ser um medico espantoso se a um dos meus lentos, que ignorava totalmente a origem das sensações, se não tivesse encasque-tado na cabeça que o cerebro e a espinha eram uma bateria electrica e não os braços e as pernas. Ora eu sustentava, e creio que com razão, que as pernas são optimos conductores de fluido: não acha que lhe devia dar um ou dois, (para me não desmentir) para lh'o provar até a evidencia?..

Doutor.

Seria realmente demonstração bastante pratica.

Laí.

E a engenharia, que eu tambem estudei... porque renunciei eu a engenharia?

Doutor.

O snr deve saber...

Laí.

O snr deve saber, digo eu, que na mecânica ha duas forças motoras, o vapor e a atmosphera, mas o vapor...

Doutor.

Se me dá licença...

Laí.

Deixe-me esclarecer-lhe acerca da differença. Supponha o snr que a minha perna direita é um embolo horizontal que dá uma pancada por segundo: se o snr encostar o peito ao meu pé (fazendo menção,) e deixar que eu lhe dê duas pancadas....

Doutor. Lev.

Mas por quem é, snr Laí... Tenho muitos negocios e estamos a perder um tempo precioso. Ouça, eu já tenho alguma coisa em vista para o snr, e por isso desejava uma ligeira prova da sua capacidade.

Laí.

Qual?

Doutor.

Pedia-lhe que me designasse n'uma pequena nota os estudos que tem, e que emprego está apto a desempenhar.

Laí.

Nada mais facil... Ah! É preciso dizer se sou vaccinado?

Doutor.

Como quizer. Aqui o deixo pois... esteja á sua vontade, eu vou tratar d'uns negocios mas volto já. Se viêrem clientes, um amigo meu e sua prima, peço-lhe que faça correr que esperem por mim; eu não me demoro nada.

Sa'.

Satisfarei o seu desejo.

Doutor.

Muito obrigado e até breve, meu caro sr Sa'.
(aparte.) Se me deixasse ficar, fallava até
amanhã... e por força do Algarve. (sae.)

Sa'.

Adeos, generoso advogado... Generoso advoga-
do... que duas qualidades!... Agora mãos
à obra. (senta-se à mesa.) Vou mostrar-lhe
de que sou capaz... Não me faltam habili-
tações... exame de instrução primaria, uma
cadeira do instituto agricola... estou matri-
culado no curso superior de letras!... Ah! mas
primeiro a vaccina... (escreve.) "Vaccinado tres
vezes e meia... A meia e' d'uma que pegou
só n'um braço. (escreve.)... E meia... Ahre!
Maldita pena! Pinga tudo de tinta. (pega
em outra pena, rasga a folha do papel e tira a tinta.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Scena 4ª

Sa', Luiz e Castro.

Luiz. (entra com Castro.)

O sr. Manoel de Castro. (sae.)

Sa'. (sente-se no sofá.)

Ah! E' o amigo que esperava o doutor.

Castro.

Não está cá o dr. Silveira?

Sa'.

Pouco se demora. Então, queira sentar-se.

Castro.

Obrigado. (aparte.) Chego primeiro pelo que
vejo.

Laí. (escrever.)
"Vaccinado trez vezes e meia." Os demonios
levem todas as pennas!

Castro. (aparte.)
Quem será este rataão?

Laí. (levantando-se.)
Diga-me, ha alta nos fundos?

Castro.
Uma grande alta.

Laí.
E os cereaes abundam este anno?

Castro.
Muitissimo.

Laí.
Tambem abunda o algodão e não obstan-
te o commercio está paralyzado e ainda
mais se hade paralyzar! Oh! Mas não
admira. A Europa fez-se toda manu-
factureira e as colonias não dão mais
productos do que d'antes. Ha apenas
um recurso, um remedio que tudo pode
salvar. Abrir um canal atravez do is-
thmo de Panama, unir os dois oceanos
e fazer assim de Lisboa o emporio do
commércio do mundo.

Castro.
Julgo impossivel! Não vejo como Lisboa...
Que negocios podiamos fazer?..

Laí.
Que negocios!... Que negocios pergunta o
sr! Os de um hemispherio inteiro.

Castro.
Mas...

Laí.
Com licença... Demonstro-lh'o n'um abrir

e fechar d'olhos. (Gira em torno d'elle com
uma faca que tirou de cima da mesa.) Eu sou
Portugal, e o snr é a America... por de-
traz de nós está a China... Ora eu preciso
d'um canal e o que faço... Racho o sr de
meio a meio... Leth! e já tenho por onde
ir buscar as mercadorias. Percebeu?

Castro. (aparte.)

É original.

Saí.

Ah! Ainda tenho outro meio... Eu agora
sou Lisboa, o snr é o fundo do mar... Eu
quero as mercadorias da China, o que fa-
ço? Furo o snr, (gesto,) e tenho assim um
tunnel submarinho... Não approva?... Onde,
diga appoiado.

Castro. (aparte.)

Que grande ratação!

Saí.

Mas apesar de tudo isto, que horrivel
espectaculo se me antolha... Oh! Paris! Paris!

Castro.

O que é?

Saí.

Deveras não sabe?

Castro.

Eu não!

Saí.

Baixa de fundos, crises, catastrophes.

Castro.

Assusta-me.

Saí.

Mas não sabia realmente? Em Lisboa in-
teira não se falla n'outra coisa.

Castro.

Mas a causa d'isso?

Sa'.

Uma conflagração europeia... A França deixou passar nos Pyreneus Cabrera e dez mil carlistas.. A Hespanha protestou... a Alemanha outro tanto... resposta evasiva... declaração de guerra! N'isto apparece Rochefort em Paris e proclama a communa... Insurreição geral!

Castro.

Deveras? Bem dizia um ministro inglex ha uns dias...

Sa'.

Mac-Mahon foge vestido de velha, Thiers quer fallar ao povo e é apedrejado... Em summa, um cataclysmo... Rotschild de Londres e Rotschild de Paris ambos falliram... Um horror! Um horror!

Castro.

E eu que não sabia nada!.. No Diario de Noticias nem uma palavra a tal respeito, e como sahi agora mesmo de casa.

Sa'.

A nova chegou de noite pelo telegrapho... Deu-n'ol-a a Agencia Americana.

Castro.

E eu que tenho todo o dinheiro em fundos publicos.

Sa'.

Então corra... veja se ainda lh'os compram.. não ha tempo a perder! Va'!

Castro.

Eu vou... Meu caro snr, muito obrigado... Mas que desgraça! Ainda será tempo? (sac.)

F

Laí.
Mãos á obra. (escreve.) "Vaccinado tres vezes."

Scena 5²
Laí, Luiz e Luiza.

Luiz. (fora,)
Queira entrar snr D. Luiza Barradas. (com
panha a até á porta e sae.)

Luiza.
Peco perdão, mas julgava encontrar...

~~Laí.~~
O doutor, o doutor Silveira, não tarda na-
da. (offerecendo-lhe uma cadeira,)
Permitta
Vos que lhe offereça uma cadeira. (põe-se
a escrever.)

Luiza. (aparte,)
Disseram-me que o Castro estava cá... Não
pude deixar de vir depois de todas as con-
cessões que fui.

Laí. (escrevendo.)
Malditas pennas! (atira a feia e rasga o papel.)

Luiza. (aparte,)
Mas nós pobres mulheres levamos sempre a
peior.

Laí.
Está um lindo tempo, minha snr. Não acha?

Luiza.
Lindissimo, mas não me parece seguro.

Laí.
Esteve hontem á noite em S. Carlos?

Luiza.
Nada, fui á Rua das Condes.

Laí.
Não imagina o que perdeu. Que recita explen-

dida. Ainda não vi coisa melhor nem
igual senão em Paris.

Luiza.

O sr já esteve em Paris?

Luiz.

Oh! Muitas vezes. Paris a capital do mun-
do como lhe chamou Victor Hugo! Paris!
A cidade da alma, como Lord Byron ap-
pellidou Roma.

Luiza.

Diga-me conhece lá a família dos Mat-
tos d'Almeida?

Luiz.

Os Mattos d'Almeida? São os meus me-
lhores amigos, minha sr. Eu e o filho
mais velho estivemos juntos nos sertões d'
África, foi por signal em minha compa-
nhia que elle matou pela primeira vez
um hippopotamo.

Luiza.

E o sr gosta de Paris?

Luiz.

Se eu gosto de Paris?! Amo-o, adoro-o!..
É um verdadeiro paraíso embora Portugal
tenha Evas mais formosas.

Luiza. (aparte.)

É muito bonito e muito amavel.

Luiz.

O' Paris! Paris! Tornar-nos-hemos a ver!
(cantarola.) "Mon pere est à Paris..."

Luiza. (aparte.)

E tem muita graça. (alto.) Mas tornando
aos Mattos d'Almeida, deve saber que a
Isabel é muito minha amiga e que está
para casar com um parente meu.

Pa.
Para casar? Ella já é casada.
Luiza.

O que?

Pa.
Com Monsieur Chalumneau, capitão de
dragões.

Luiza.
Mas isso é impossível. Está por força enga-
nado.

Pa.
O casamento fez-se ha dois meses, foi até, por
signal padrinho o ministro portuguez em Ver-
sailles.

Luiza.
Mas é horroroso!.. Os primos devem saber
isso: vou já perguntar-lhes. *Rev.*

Pa.
E não espera pelo Doutor?

Luiza.
Não posso, o que me contou tambem me
diz respeito, casada! É uma traição, uma
traição infame de que se hade arrepende-
r. Agradeço-lhe o ter-me dado a noticia.

Pa.
Ora essa não tem de quê, fiz apenas o
meu dever.

Luiza.
Vou avisar o meu parente. *(saíndo.)* Quem
tal podia imaginar?!

Pa. *(senta-se e escreve.)*
"Vaccinado tres vezes e meia..."

Scena 2.
Pa e Doutor. 2.

Doutor.
Então? Está prompto?

Laí. (escondendo o papel.)
Já de volta?

Doutor.
Não ha tempo a perder. (dando-lhe uma
nota.) Vá procurar este sujeito, tem um
bom lugar para lhe offerecer, mostre-lhe
a nota que eu lhe disse que fizesse... Vá
quanto antes. É um banco que se vai fun-
dar... Ande, vá! Se eu não tivesse clientes
a minha espera acompanhava-o... Mas
ande, não se demore! (sae pela E.)

Laí.
Provavelmente nomeiam-me thesoureiro... É
possivel! Thesoureiro d'um banco!.. Aqui
estou eu a distribuir capitães. Olá! O' vós
que precisades de dinheiro, avante! Chega-
vos para mim. (ao vivo.) Não, snr. directores,
enquanto eu for thesoureiro d'este banco
não consentirei o monopolio que intentaes
fazer do capital. Vinde a mim, mendi-
go venerando, santa reliquia das nossas
passadas guerras, propugnador das patrias
liberdades!.. Quereis dinheiro?.. Ah! tendes
os fundos do banco, a' vontade, e' tirar quan-
to quizerdes, e viva a divisão das rique-
zas! E vós matrona immaculada, em
cujá fronte estampou o seu horrido estigma
a miséria esqualida, avante sem medo!
Abolhei-vos sob as axas da grandiosa ins-
tituição que tenho a honra de dirigir... Ab-
vante! A miséria é um cancro social
que deve fatalmente desaparecer. O pau-
perismo, não nego, é uma das calamidades

que laceram Portugal, mas o pauperismo
hade terminar com o estabelecimento do ban-
co cujo sou director geral! Acabou-se o pau-
perismo, acabou-se a miseria. Ouro, ouro, ou-
ro em profusão! Liberdade! igualdade!
e fraternidade!

Scena 7^a
Sa' Doutor e Luix. F.

Doutor.

Está ainda ahí, snr. Sa'!

Sa'.

O' com os demonios, tinha-me esquecido... (sae)

Doutor.

Is é possível que o Castro e a D. Luiza,
depois do que me prometteram, se fossem
embora?

Luix.

Vi-os eu mesmo sair.

Doutor.

E não deixaram dito nada?

Luix.

Cousa nenhuma.

Doutor.

Mas porque seria? Depois de eu ter tanto
trabalho para reunil-os aqui. Nem eu
sei quanto perco com isso!

Luix.

Como?

Doutor.

Is é então! Acaso ignora que se eu os levas-
se a uma conciliação, n'um processo tão im-
portante como este, me dariam um conto de
reis ou mais de honorarios? Preciso fallar=

Ihes já, para ver se de novo os convenceo...

Luiz.
Ah! Ah! chega justamente o sr Castro. *(sae.)*

8. M. F.
Scena 8.
Doutor e Castro.

Doutor.
O meu caro sr Castro muito estimo vel-o.

Castro.
Obrigadissimo... Mas e' uma noticia extra-ordinaria não acha?

Doutor.
Qual?

Castro.
A da revolução de Paris, e da guerra... cor-ro a saber noticias minuciosas da grande-catastrophe...

Doutor. (aparte.)
O que diz elle?

Castro.
Voltei apenas para dizer ao seu amigo... Elle está cá ainda?

Doutor.
Quem, o Laí?

Castro.
O sujeito que encontrei aqui ind'agora.

Doutor.
Lahui ha um momento.

Castro.
E para aonde foi? Diga-me... depressa...

Doutor.
Mas meu caro sr Castro, o seu negocio é comigo.

Castro.

Agora não posso tratar d'isso.

Doutor.

Não a sr.^a D. Luiza Barradas não tarda ahí.

Castro.

Não posso esperar... Preciso fallar já, já ao seu amigo... Quero mandar alguém immediatamente a Paris e talvez elle queira... Enquanto ao outro negocio fica para amanhã. Ócala eu o encontre! (sae.) F.

Doutor.

E é o Sr. a causa de tudo isto. A sua noticia transtornou tudo. Que demonio diria elle de Paris. E a D. Luiza que já devia cá estar, porque não virá ella?... Oh! Senhores, é para perder a cabeça. Maldito homem, que nunca mais nos appareça. 1

Scena 2^a F.

Doutor e Sr.^a F.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Sr.^a (fora.)

Doutor! Doutor!

Doutor. (aparte.)

Os diabos o levem!

Sr.^a.

Estão cumpridos os seus desejos, aqui estou.

Doutor.

(aparte.) Os meus desejos!

Sr.^a.

Tenho que participar-lhe coisas extraordinárias. Quando cheguei a porta do tal seu amigo, partia elle justamente n'uma carroagem e por consequente não pude fallar-lhe.

Doutor.

Não admira. Demorou-se tanto.

Ja'.
E' o mesmo, fallar - the - hei' amanhã. (põe
o chapéo e o guarda chuva n' uma cadeira.)

Doutor.
Amanhã já o logar estará dado.

Ja'.
Ja'?! Então não fallemos mais n'isso.

Doutor. (aparte.)
O que heide eu fazer? Como me poderei
ver livre d'elle?

Ja'.
Uma ideia! Eu não podia ficar em-
pregado em sua casa?

Doutor.
Em minha casa?

Ja'.
Sim, no seu escriptorio para tratar - the
dos seus negocios, receber os seus clientes.

Doutor. (aparte.)
Não faltava mais nada.

Ja'.
Ou em casa do snr Castro.

Doutor.
Do Castro?... E' verdade, vá ter com elle...
Anda á procura d'um homem para
mandar á Paris em commissão urgente.

Ja'.
A Paris?

Doutor.
E se o snr quer ir e' negocio decidido e
que não pode falhar, elle anda á sua
procura.

Ja'.
Corro a encontral-o.

Doutor.

Mas d'esta vez ao menos...

Sa'.

E' negocio feito. (calça as luvas e põe o chapéo.)

Doutor. (aparte;)

Se não fosse isto não se tirava d'aqui.

Sa'.

Onde mora elle, e' longe?

Doutor.

Não, são dois passos. Largo da Annuncia-
da nº 15.

Sa'.

Que horas são?

Doutor.

O' homem, deixe as horas, não se demore!

Sa'.

Oh! Paris, Paris!... Chama-me a tua voz.
(sae deixando ficar o guarda chuva.)

Doutor.

Até que enfim! Saca! Se se demorasse
mais um instante perdia de todo a pa-
ciencia! Vamos a escrever agora ao Cas-
tro e a D. Luiza para ver se remedeio
tudo e o negocio não me vai por agua
abaixo. (sae.) & M.

Scena 10

Sa' (só- entrando.)

Doutor! Chove, chove a cantaros, mudou
o tempo de repente, e eu deixei cá o guar-
da-chuva. Ah! Já não está aqui o dr.
E' o mesmo pego no chapéo e safo-me. Que
alegria! Achar-se a gente em Paris! A
grande cidade!... A arena propicia ao de-
senvolvimento das minhas poderosas facul-
dades... A imprensa, o Parlamento... d'um

ao outro não vai senão um passo... Chego á
assemblêa nacional! Que triumpho, hein!
Attaco logo a grande questão social, poli-
tica e financeira! Sr^s deputados! A
humanidade transviou-se no caminho do
progresso, e perdeu-se nas innumeras vere-
das que conduzem ao vicio e á miseria!
E' necessario encaminhal-a, dirigil-a, rege-
neral-a! Senhores! Percorramos as aldeias
e as campurias da formosa Franca... e o que
acharemos por toda a parte?... Os crueis re-
sultados d'uma administração ignara, d'um
governo demoralizado, d'uma sociedade que
não é sociedade, (como se fosse outra coisa) Ap-
poiado! (agradecendo,) Muito obrigado! (Viva - se
entusiasticamente, com a cadeira de d'este do speaker;
deitando ao ar as brancas e brancas e brancas, e o speaker
permanece sobre as mãos com o peso da
tribunação.) Sr^s deputados! Abri os ouvidos á
voz da verdade! Escutae attentamente o
orador que vos falla segundo os dictames
da consciencia. Julgaes que a humanidade
possa prevalecer por muito tempo á beira do
abysmo aonde as falsas doutrinas a arras-
taram?... Não, sr^s, não! As forças fallecem-
lhe e vai sepultar-se no pego insondavel
se lhes não accudirmos a tempo! E' por
isso que eu ergo aqui a minha voz poten-
te! Eu que venho aqui reformar a hu-
manidade... para bem da humanidade!

Scena II

Dr. Doutor, Luxi, e Antonio.

Doutor.

O que é isto?

Idi.

Perdão doutor, eu estava meditando. (salta ao chão e sai a correr.)

Doutor.

É o meu flagello este homem! Luix, Antonio se este sujeito voltar cá, ponham-o logo no meio da rua... e se elle teimar em entrar chamem pela policia... apitem! Mas sinto passos, quem será? (sae Antonio.)

Scena 12

Doutor e Luiza.

F.

Luix. (para sair.)

O sr D. Luiza Barradas. (sae.) F.

Doutor.

Oh! minha sr quanto estimo tornar a vel-a! Soube que Yrac tinha cá estado e que sahia logo depois.

Luiza.

Encontrei aqui um sujeito...

Doutor.

E foi por causa d'elle... Devia tel-o imaginado... Aquelle patife!

Luiza.

Engana-se... é um homem amabilissimo.

Doutor.

Como?

Luiza.

Nunca encontrei cavalheiro que me agradasse tanto.

Doutor.

Seramente?

Luiza.

Tanto que para fallar com elle e' que eu voltei.

Doutor.

Como?

Luiza.

Deu-me umas noticias... Ainda cá está?

Doutor.

Não minha snr, já se foi.

Luiza.

Então tenho a pedir-lhe que me arranje um negocio com elle.

Doutor.

Mas, minha snr, o La' vai para Paris.

Luiza.

Como?

Doutor.

Hoje mesmo, por ordem do snr Castro.

Scena 13

Os mesmos e Luiz.

F

Luiz.

O snr Castro manda-lhe dizer, snr doutor, que não houve nenhuma revolta em Paris nem tão pouco se declarou a guerra, e que portanto é inutil que o seu amigo vá a casa d'elle. *me*

Luiza. *(ao doutor.)*

Então não partiu?

Doutor.

Parece que não.

Luiza.

N'esse caso mande-m'o chamar depressa.

Doutor.

Depressa?

Luxa.

Vai n'isso a minha felicidade. Desejo tornar a vê-lo quanto antes. Vou esperá-lo para minha casa, diga-lhe que vá lá ter... O doutor entende-me, não é assim? Vae n'isso a minha felicidade. (sae.)

Doutor.

Está apaixonada por elle, não tem que ver, e se me opponho ao casamento corro o risco de não apanhar as libras que me prometteram.

Luz. (entrando.)

Ahi vem elle, ahi vem elle.

Doutor.

Já o esperava, paciência! Deixa-o entrar.

(Luz sae)
E. M.

Scena II
Doutor e Luz.

Luz.

Doutor! Doutor!

Doutor.

Então! Foi-se mais esta?

Luz.

O que quer? Encontrei um amigo, um desgraçado! e demorei-me a fallar com elle... Ah! É uma historia dolorosissima!..

Doutor.

Pelo amor de Deus, sr. Luz! Com as suas historias já o sr. me tem feito hoje perder um bom par de libras.

Luz.

Doutor!

Doutor.

E por isso se rejeita a minha ultima pro-

posta tenho o direito de pedir - lhe que não
torne a pôr aqui os pés.

Saí.

Mas doutor!

Doutor.

Não vejo senão uma coisa que pode agora
salvav'o da miséria. É uma mulher.

Saí.

Uma mulher!

Doutor.

Uma mulher, sim sr. Uma mulher ri-
ca que possa dar - lhe de comer...

Saí.

E beber?... Estranha proposta.

Doutor.

É a sua última taboa de salvação.

Saí.

Se assim é diga - me onde móra essa taboa?

Doutor.

Na rua das Pretas 72 - 2º andar... é a D.
Luiza Barradas que estava aqui ha bocado.

Saí.

Uma velha?

Doutor.

Essa mesma. Está mesmo doidinha pelo
sr, e se quizer conquista - a facilmente. Vis-
to ter por força que sacrificar alguém, seja
ao menos um sacrifício legal... Sacrifique a
sua mulher.

Saí.

Mas é uma velha muito feia.

Doutor.

Velha! É rica, é rica!

Saí.

Bem! Já me surto com tentações...

Consente?

Doutor.

Consinto.

Saí.

Então vá já a casa d'ella.

Doutor.

Saí.

N'um pulo.

Doutor.

Vou acompanhar até á porta para que o sr não perca o tempo a passear por cima das mexas e a despedir-me os clientes.

Saí.

Permitta-me porem que lhe diga...

Doutor.

Não permitto nada.

Saí.

Mas deixe-me ao menos agradecer-lhe...

Doutor.

Depois de casado, depois de casado n'agradecerá. Vamos depressa, vá! (põe-o fora da porta.) Ah! Até que finalmente! Permitta Deus que eu fique livre d'elle... senão endoideço.

Scena 15

Doutor e Luiz. 2

Luiz.

Mr dr, o mr Castro está no seu gabinete. (sae.)

Doutor.

Eu vou já. Vejamos se concluímos o negocio. (sae.)

Scena 16

Saí, (só-voltando.)

Doutor! Doutor! Perdi o lenço e como estou
constipado... Já aqui não está... Mas o len-
ço?... Éil-o... Não é lá muito bonito, vou
comprar outro e um par de luvas. Não pos-
so apresentar-me assim em casa d'uma
- snr^a. Que pena não ser mais nova e mais
bonita! Paciência, é rica... Dois proveitos não
cabem n'um sacco... Visto que me está ve-
dado uma carreira publica, gosarei das do-
çuras da vida do high-life! Jantares bai-
les, theatros, soirées, nada me faltará e hei-
de reunir nas minhas salas a flôr da aris-
tocracia portugueza e da estrangeira... da
estrangeira principalmente. E que festas!
Pelo carnaval um baile de máscaras... ceia
esplendida; musica de Straus; a casa toda
illuminada a giorno dará ideia d'um pa-
lacio encantado... E o jardim?!... Grutas ar-
tificiaes, tapetes de flores, repuxos... se já não
houver falta d'agua: passaros doirados can-
tando musica celestial... um ceo aberto! De-
pois, depois aqui...
Aqui um pavilhão phantastico para o ser-
viço do buffete... acolá roseiras do Japão... ali
a estufa. - Daí meia noite... Chegam os trens...
os lacaios com magnificas librés, percorrem as
salas servindo refrescos. O mestre sala que
dirige o serviço, annuncia os convidados que
chegam a todos os instantes. - A snr^a con-
dessa de Pianby! - O' querida condessa, quan-
to lhe agradeço por ter vindo!.. - A snr^a du-
quesa de Montverdier. - "Oh! Madame la du-
chese, quel honneur... Les... les... As minhas
salas brulham-se em receber a. - Milady
Londongroshop... Oh! Dear lady... I thank

yon very mutch... All right! - Sua altera
a princeza de Roverini Montepelosini! -
(inclinando-se.) Oh! Princepessa como reingra-
ziarla e... V' Altera dança uma valsa?...
Tomo a osadia de pedir - lhe!.. Escolha V'
Alter a musica... Offenbach, Straus, Hervé,
Arditi... Offenbach, Sim? A valsa do Or-
pheu nos Infernos! (dança com uma cadeira.)

Scena 11^a
Sa' Doutor, Luiza, Castro, Luiz
e Antonio. e M. **PERO**

Doutor.
Com mil demonios! O que e' isto. (Sa' vai
para sair.) Espere um instante! Venha cá.
Luiza.

A noticia que o snr me deu era falsa.

Castro.
Naturalmente tão falsa como a da insur-
reição de Paris.

Luiza.
Tagarella infernal! Não dix' senão mentiras.

Castro.
Que vai para Pithafolles! E' lá o seu lugar.
(sae com Luiza.)

Doutor.
Agora meu caro snr tome lá duas libras
e não torne a pôr os pés em minha casa,
alias queixo-me no Governo civil. Vá cau-
ticar quem quizer, eu já estou fartissimo
de atural-o.

Sa'.
E tudo por eu querer ganhar a vida!

Doutor.
Hein! Não ha mais desastrado fura
vidas. Passe muito bem! (sae.)?

Sa.
Homem ignorante, que não sabe apro-
veitar um talento d'estes. Nada! D'ora
avante não recorro mais aos particulares.
Appellarei para o publico, vou fazer-me
escriptor... escriptor dramatico... Exactamen-
te!! E' o genero que me convem... Tenho
um drama pensado... e que magnifico! En-
chente real-attenção!... - Acto 1º um morto e
dois feridos. - Acto 2º dois mortos e tres feri-
dos - Acto 3º quatro mortos e seis feridos.
Acto 4º mortandade geral. - Acto 5º no ou-
tro mundo. - Na ultima scena applausos
unanimes; fóra o auctor, fóra! Que talen-
to! Que genio! - Muito obrigado! Muito
obrigado! (faz grande cortina.) O publico
está enthusiasnado, delirante... Os especta-
dores em pé acenam-me com os lenços.
Fóra o auctor! fóra!

Luz e Antonio.
(pegando-lhe pelo cruce.) Fóra! Fóra!

Sa.
Fóra eu!.. Ingrata patria! (passando e pondo
a mão no peito - Hein.) Ah! Esperem um mo-
mento! (fazendo signal ao regente da orches-
tra para mandarem tocar.) Faz obsequio?.. (fazendo
a orchestra.) Ah! Não, não, é escusado.
(fazendo para a platea.) Para bom entende-
dor... Dispensa-se o couplet. (deixa o punho
no cruce.)

Fxxx.

O'
É velha, bem velha usança
Não se pode duvidar,
Quando a comedia termina
E vai o panno baixar....

Pare! Pare! Para bom entendedor meio
couplet basta.

Fim

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

